

**Convênio: Ministério da Saúde/Fundep – Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Programa VIVA LEGAL/TV FUTURA**  
**Tema: Esquistossomose**

## **ESQUISTOSSOMOSE**

A importância de se falar sobre esquistossomose reside no fato de que esta doença parasitária é hoje considerada uma epidemia mundial, pois está presente em 52 países e territórios, prejudicando a vida e o trabalho de milhões de pessoas. No Brasil, a esquistossomose é endêmica, e já chega a 2,5 milhões de casos, sendo que este número cresce a todo momento, atingindo 19 estados — os focos principais estão na região que vai do Maranhão a Minas Gerais, mas existem focos isolados nos estados do Pará, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Distrito Federal e Rio Grande do Sul.

Considera-se uma *doença endêmica* aquela que existe constantemente em determinado lugar, atacando um número maior ou menor de indivíduos; já *epidemia* refere-se ao ataque rápido de uma doença, que acomete um grande número de pessoas ao mesmo tempo. A epidemia pode, também, ser o surto de agravamento de uma endemia.

Uma das causas para o crescimento da doença é a migração de pessoas da região Nordeste portadoras da esquistossomose, que deslocaram-se para as regiões Centro Oeste, Sudeste e Sul em busca de melhores condições de vida. Lá chegando, grande parte dessas populações instalou-se em locais muito precários, inclusive sem saneamento básico, favorecendo a disseminação da doença.

A esquistossomose é uma doença antiga, cujos primeiros registros datam de 3.000 anos, e provém do Egito. Ela também é conhecida como *xistose* ou *barriga d'água*, e, em nosso país, é provocada por um verme chamado *Schistosoma mansoni*. Qualquer pessoa, independentemente de idade, sexo ou cor, pode vir a contrair a doença, que ataca populações que vivem em locais com deficiência de saneamento básico — portanto populações de baixa renda. Apesar de, em alguns casos, levar à morte, a maior parte das causas de óbito está ligada às formas mais graves da esquistossomose.

Se descoberta na fase inicial, a doença pode ser tratada com facilidade. Entretanto, é comum a pessoa contaminada não apresentar qualquer sintoma; assim, na maioria dos casos a esquistossomose leva anos para se manifestar. Por isso, quando surgem os primeiros sinais, os problemas provocados pelo verme já são consideráveis, dificultando o tratamento.

Infelizmente, não existe vacina contra a esquistossomose e o governo brasileiro enfrenta muitas dificuldades para combatê-la. Este combate só poderá ser eficaz com a ampliação das ações de saneamento básico (esgotos, instalações de privadas e fossas) para comunidades de baixa renda.

### **O que está em discussão**

A dificuldade de combater a esquistossomose é causada por alguns fatores, entre eles o fato de o caramujo (hospedeiro intermediário do verme) ser hermafrodita — capaz de se reproduzir sozinho —, ou seja: ele não precisa de outro caramujo para se reproduzir. Assim, no caso de ser realizado um rigoroso controle, e mesmo que reste apenas um caramujo, ele se auto-fecunda e em 6 meses toda a população de caramujos é reconstituída. Além disso, nas regiões afetadas é preciso combinar medidas de saneamento básico, que dependem do governo, com a responsabilidade e os cuidados de cada um. Isto requer a disponibilização de informações sobre o

assunto, a conscientização e a participação das comunidades para resolver o problema.

Deve-se estabelecer uma estratégia para combater a doença em cada local onde o vídeo for apresentado, identificando os portadores e as condições ambientais, bem como incentivando a população a cobrar das autoridades o saneamento básico para aquela região e a modificar seus hábitos. Mas, principalmente, é importante que cada comunidade saiba reconhecer os sintomas da doença, os locais de proliferação e o caramujo hospedeiro.

Essas populações devem identificar com clareza os chamados criadouros de caramujo: lugares de água parada, como lagos e lagoas, ou que tenham correnteza fraca, como remansos e poços. No vídeo, há o depoimento de um parasitologista, que apresenta um desses criadouros numa paisagem bastante comum em todas as regiões brasileiras pobres: um filete de água que corre pouco, cercado por vegetação que esconde uma parte do leito do rio, e grande quantidade de lixo doméstico por todo o lado.

A discussão deve ser acompanhada por material gráfico de suporte, onde se veja especialmente dois momentos enfocados no programa: o ciclo de vida do *Schistosoma* e fotos dos diversos caramujos transmissores da doença (de preferência, com fotos também dos caramujos de jardim, para que se possa fazer a diferenciação entre eles de modo ainda mais claro que no vídeo). Deve-se enfatizar que o verme também pode penetrar em animais como vacas, bois e porcos, pois as pessoas tendem a desconsiderar os riscos que impliquem despesas e trabalho, como o de construir canalização para que a água de chiqueiros e currais também seja lançada nas fossas.

As fases da esquistossomose (inicial e crônica) devem ser o mais diferenciadas possível, de preferência explicadas para a comunidade por um profissional de saúde, que pode listar os sintomas comuns a cada uma delas, facilitando, assim, a compreensão de pessoas leigas e geralmente sem instrução. Elas também devem ser informadas sobre a importância de fazerem exame de fezes com frequência, principalmente no caso de morarem em regiões afetadas pela doença, pois o exame identifica o verme e o tratamento deve começar o mais rapidamente possível. Além disso, o exame, o tratamento e os próprios remédios utilizados no combate à esquistossomose são fornecidos gratuitamente pelos serviços públicos de saúde de cada região.

Em comunidades onde não houver rede de esgotos, é preciso incentivar as pessoas a construírem uma privada e uma fossa, orientando-as para fazerem isto longe do córrego e da cisterna que abastece a casa. Essa orientação deve ser acompanhada de ilustrações para maior compreensão, inclusive com explicações quanto ao porquê de as construções não poderem ser próximas das fontes de água limpa; etc. Outras dicas dadas pelo vídeo, como o uso de botas em caso de as pessoas precisarem entrar em locais característicos de proliferação de caramujos, por exemplo, devem ser enfatizadas, analisando-se as especificidades de cada região.

O objetivo é fazer com que as pessoas sintam-se diretamente envolvidas no controle da doença, seja no que diz respeito aos seus hábitos individuais, seja no sentido de se organizarem e lutarem pela preservação ambiental e por sua qualidade de vida, exercendo assim sua cidadania e exigindo dos governos as soluções que cabem a eles.